

Perfil

POR FRANCISCO DE BARROS E SILVA

Houve épocas em que perdi minha face. Não sei se em algum espelho dos versos de Cecília Meireles, ou pelo simples esquecimento. O tempo se encarregou de esmaecer as cores do meu passado. Preparei-me para o inverno na primavera. Trago alguns arrependimentos, mas não vivo de mágoas.

Joguei sozinho. Sem as regras do jogo factual. Trabalhei pelas trilhas de Recife, encontrei nas ruas a Saudade, a Concoórdia, o Livramento. Conversei com o Capibaribe, no Poço e na Aurora. Trabalhei no cais, onde as ondas ainda quebram nos arrecifes e o céu se avermelha nas tardes, mingando em tons púrpuras.

Encontrei-me na minha carreira e na minha Ciência Feliz. Corri demais e já não tenho pressas. Devagar com o andar, que o Francisco é de Barros. Não ascenderei aos céus (marcou-me Caymmi: "Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para ser feliz"...).

Estudei entre mosaicos e colunas de ferro retorcido. Fiz-me processo e nele vou adiante, descobrindo a cada dia novos passos. Aprendi a admirar as vítimas do tempo. Páginas desbotadas. Capas se desfiando em rosários. A poeira traçando novas letras, sobre as letras que se foram.

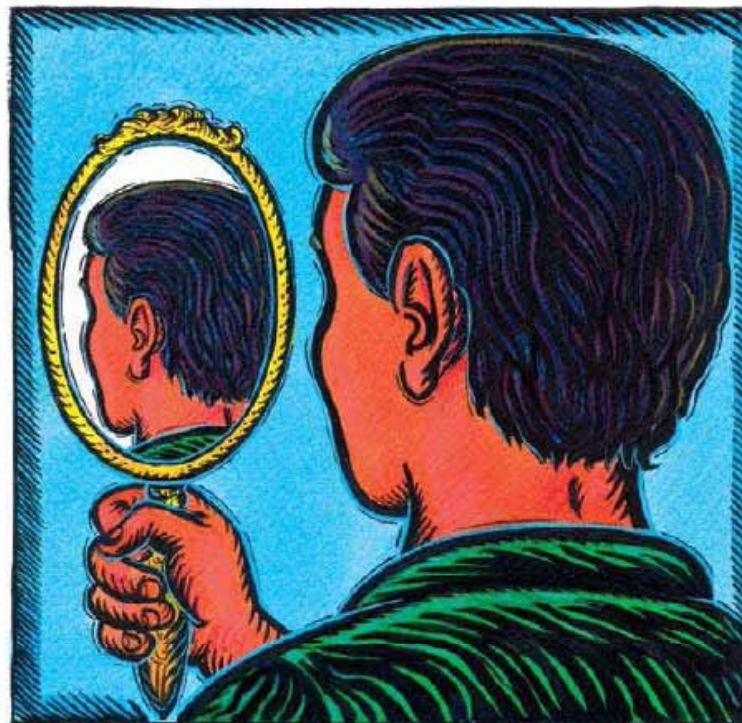
Ainda estudo todo dia e carrego a cruz de não conhecer tudo do que gosto. Mas os anos têm sido ricos de aprendizado. Ainda restam grilhões e sei que alguns não devem ser quebrados. Hoje contemplo (normalmente) tranqüilo as mágoas lavadas no rio ao mar.

Por vezes, nada disso teve sentido, à falta de algo que reunisse em mim o que sou. Veio-me a advertência de Vinícius, "a oeste a morte, contra quem vivo, do sul cativo, o este é meu norte. Outros que contem, passo por passo". Meu Nordeste. Provinciano. Severino. Busquei partes em tantos outros.

Encontrei em Borges *sienes grises y grises ojos*. A confissão de meus pecados em Pessoa. Em Rayuela, desenhei sorrisos. Descobri em Neruda a *canção* desesperada de amor. O mestre Drummond, enfim, alertou-me que "os ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança". A promessa contida na mão de uma criança.

Hoje tenho saudades da Bahia de Caymmi e do Rio de

ILUSTRAÇÃO: KOCHEVA



Jobim. Cansado de guerra ou não. Roma, *più lontana mi stai, più vicina ti sento*... Deixei partes em Sampa, onde alguma coisa aconteceu no meu coração. E, mesmo sem ser de ferro, guardo fé nas Minas Gerais, barrocas ou modernas, onde também me sinto em casa.

Nas igrejas da minha vida deixei sempre os mesmos pedidos. Meu Deus sempre me ouviu, embora nem sempre eu compreenda Seus desígnios. Felizmente, não acredito em uma fé pela metade e me ponho aos seus pés. Franciscano, posto que não tenha os braços cruzados e carregue minhas chagas além do alcance dos olhos. Coincidência ou não, vim parar perto de Nossa Senhora da Conceição, nessa freguesia das Graças, tão perto dos outros Aflitos...

Arruinar-me... Podem, de fato, fazê-lo e, por vezes, com minha paradoxal ajuda. Mas

edificarei outras colunas no lugar. Dóricas ou dóidas. Salomônicas retorcidas. Projetar-se-ão novamente aos céus, como tributo à vida. "A vida apenas, sem mistificação."

Sinto-me acompanhado na rede da varanda e sozinho em meio às multidões. Descobri a alegria dos pequenos gestos de meus irmãos – e de dialogar, sempre. Sou apenas palavras a oferecer. Mais espírito que carne. Mais desejo que satisfação. Afeto prestes a nascer.

Trago, enfim, nos meus olhos, a minha terra, família e amigos. Uma cor fronteira, entre um Soneto do Desmantelo Azul e uma Valsa Verde. Apresionar nos olhos o azul das coisas gratas ou mesmo o azul de cansaço. Vestir meus gestos insensatos. Transformar a tristeza cinza em valsa verde (intuitivamente ouvir os acordes da minha juventude e sair cantarolando). Esse sou eu. ★

Francisco de Barros e Silva é Juiz Federal em Pernambuco.